

Ecclesia



Abril de 1950

Ano 2.º

N.º 6



D. JOAQUIM DOS SANTOS FIGUEIREDO

1865-1937

BISPO-ELEITO DA IGREJA LUSITANA, CATÓLICA E APOSTÓLICA

CARÁCTER ÍNTEGRO E PENA VIGOROSA

MODELO DE CLÉRIGOS • LÁTEGO DE HIPÓCRITAS

ESPANCADOR DE TREVAS • ESCLARECEDOR DE CONSCIÊNCIAS

Ecclesia

TRIMESTRÁRIO, ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Avenida Cinco de Outubro, 275-2.º Dto. - LISBOA --Tel. 70722

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Avenida da República, 1118 --VILA NOVA DE GAIA

Humanos, sómente Humanos

UM jovem estudante afro-português, de nome Mondlane, portador duma bolsa de estudo concedida pelo Conselho Cristão de Moçambique, foi há meses praticamente expulso da Universidade de Witvatersrand, na União Sul-Africana, visto ter sido dada por finda a autorização da sua residência naquela república.

E porquê?

Os jornais o disseram. Simplesmente por isto: porque o jovem português Mondlane tem um pouco mais de pigmento corante na sua epiderme do que os ilustres directores da ciência e das letras, dos recentes donos da África do Sul, de extracção boer ou de estirpe britânica.

Lamentável, não é?

Nós, os Portugueses, possuidores duma ética neste ponto muitíssimo superior, não podemos compreender "diplomáticamente" um escândalo destes. É uma incapacidade honrosa, esta nossa. E quando se anuncia na Europa a organização

duma "Liga dos Povos de Cor", devemos ser levados a pensar que essa generosa Liga, para ser consequente, incluirá quase toda a humanidade, sendo assim preferível ter criado a "Liga dos Albinos", pois são os pacientes de albinismo os únicos humanos perfeitamente desprovidos de cor; e todo o enorme remanescente se deveria contentar com a defesa que lhe oferece o direito comum...

Pensais porventura que fazemos **blague**?

Onde está, então, dizei-nolo, o processo científico que estabeleça a barreira da cor? Ter-se-á inventado algum "tartufoscópio" ou algum "charlatómetro", imaginado pelo Dr. Topsisius do nosso Eça, ou por sua descendência? Tantas são as gradações ou matizes entre o selvagem loiro e o civilizado retinto, ou **vice-versa**, entre um Himmler, o loiro chefe da Gestapo, e um Carver, o negro sábio cristão e filantropo...

Ora nós somos

SUMÁRIO DO N.º 6

Humanos, sómente Humanos	1
Reminiscências e Perspectivas	3
Camões e o Cavaleiro de Oliveira	7
Florilégio da Oração	8
Comemorações do Trimestre: No Atrio	9
Na Nave: Línguas de Fogo	9
Bons Sintomas (P. ^{es} Alves Correia e Reinholds)	10
Aleluia, música (Dr. L. Figueiredo)	12
Lusogramas	14
O Livro e os Livros	15
"Forum"	16

humanos, e mais nada, quanto a direitos de existência, de locomoção, de investigação, de salvação. Outras diferenças passam por cima de heranças de raça, de barreiras de cor, de fronteiras políticas, de altas montanhas, e de mares extensos. Como diz S. Paulo: "De um só sangue fez Deus toda a geração dos homens" (Actos 17:26).

Nós, os Portugueses, sabemos-lo, e podemos ensina-lo ao mundo esclávónico e mongólico, ao mundo germânico e saxão, talvez até ao mundo celta e latino. O nosso cristianismo está, nessa matéria, em melhor posição que a de muitos outros povos. Só hoje, bem o sabemos, depois da mancha secular da escravatura. Mas de hoje é que falamos. Um caso bem comprovativo surgiu no outono passado, e dele nos deram conta os diários de então. Numa correspondência de 8 de Outubro, de Nairobi, no Quênia, para o "Diário de Notícias", se relata que na sessão de encerramento do Congresso de Turismo Africano, o Consul de Portugal naquela cidade, sr. Dr. José Neiva, levantou "a magna questão dos indo-portugueses que não podem entrar nos hotéis de alguns territórios africanos, circunstância que torna impossível o turismo em África para pessoas que vão à Europa livremente e gozam de todas as facilidades; contando a propósito o caso de um médico português da Índia que viera de passeio ao Quênia e sofrera os maiores vexames...". Acrescenta o correspondente que o ilustre e valoroso consul português foi ouvido com interesse pelos delegados belgas, franceses e egípcios, e com visível surpresa pelos congressistas ingleses e sul-africanos. Entretanto, a emenda proposta pelo representante de Portugal, que tornava extensivas a todos os indivíduos, indiferentemente de raça e cor, as facilidades que a comissão propôs conceder aos viajantes europeus, foi aprovada, devido ao apoio da maioria latina. Isto nos consola, a nós portugueses e cristãos reformados; a nós que afirmamos: enquanto o cristianismo estiver dividido em seitas e escolas irreduzíveis, não poderá censurar com coerência ao mundo a sua fragmentação em castas, classes e raças adversas.

Particularmente nós, portugueses genuínos, cristãos ortodoxos, católicos reformados, podemos até avançar que certo protestantismo racista é muito menos civilizado, neste aspecto, que o romano-catholicismo, onde, sob o erro do bispado universal, se admira a boa política cristã da sagração

de bispos de todas as cores. A Igreja Anglicana, no seu espírito apostólico, na sua disciplina paulina, na sua estrutura católica, também não pratica uma restrição racista; e outras confissões aliás, o mesmo fazem. E o Conselho Cristão da África, justamente um mês antes do Congresso de Turismo a que acima aludimos, publicara uma declaração que começa nestes termos:

"A todos aqueles que, na África do Sul, creem em Cristo crucificado, afirmamos solenemente que as condições sociais aqui prevalecentes tornam difícil, senão impossível, a muitos dos nossos irmãos, o desenvolver livremente a sua personalidade". E depois de relatar a recusa que lhes foi dada pelo Primeiro Ministro, para uma entrevista sobre a importante matéria, afirma:

1.º Deus criou todos os homens à sua imagem. Por conseguinte, para além de todas as diferenças, há uma unidade essencial.

2.º Indivíduos que se libertaram duma forma de sociedade primitiva para progredir no sentido de uma ordem mais evoluida, devem poder partilhar as responsabilidades e os direitos do seu novo estado".

O espaço não nos permite reproduzir toda a nobre declaração, mas pelo que aí fica enunciado se vê que não queremos ser injustos para com o alto pensamento baixo-germânico e anglo-saxónico, manifestado pelas suas igrejas históricas e instituições missionárias.

Havia pouco que releramos o sarcasmo gargalhado por Thackeray no velho "Livro dos Snobs" acerca do "aristocrata todo empavesado com o orgulho da sua raça, digna vergôntea de algum pirata normando, cujo sangue se conservou puro", quando num recente artigo da "Harper's Magazine" do notável romancista norte-americano Martin Flavin, vemo-lo sorrir melancolicamente ao descrever a sua descida às minas de Durban. Aí ele põe em relevo a aparente loucura humana, que desenterra ouro na África, funde-o e enterra-o de novo nas caves bancárias da América... E para isso, dezenas de milhares de indígenas trabalham, de olhar baço e triste, "como bois de charrua" sem saber o que fazem, num esforço medonho, em temperaturas altíssimas, em atmosfera viciada, por oito horas diárias, onde "um minuto é demasiadamente longo"! O diálogo que o escritor teve com o ministro anglicano é duma perfeita eloquência:

(Conclui na pág. 6)

DEVIDO ao "ano santo" decretado pelo chefe da Igreja Latina, é esta a peor ocasião para se visitar a bela Itália. Podemos imaginar um pouco o que serão os acampamentos de milhares de peregrinos, cada vez menos típicos mas quase tão pouco higiénicos como na Idade Média. O habitual ruído irrespeitoso dos visitantes da Catedral de S. Pedro estará centuplicado; as preciosidades artísticas em boa parte serão eclipsadas pela aglomeração dos forasteiros; o aumento das medidas de prudente vigilância serão também motivo de aborrecimento para as pessoas honestas que se acotovelam com os numerosos ratoneiros, nestas circunstâncias; e as festas contínuas dum culto extremamente sensorial absorverão a vida local, a ponto de dificultar o verdadeiro turista assim como o genuíno cristão.

Morreu Alfredo Henrique da Silva... aos setenta anos de idade, quando começou a resignar os seus cargos, primeiramente o de director do Instituto Comercial do Porto, mais tarde o de superintendente da Igreja Metodista em Portugal. O seu temperamento activíssimo não admitiu intimamente esse eclipse, e os últimos oito anos foram uma morte lenta, não confessada, não observada, mas fatal. E a 23 de Fevereiro lá foram seus restos para a sepultura, acompanhados do respeito de muitos. Saudamos com simpatia sua família enlutada e a Igreja de que foi ministro até ao fim.

Bruno Cornachiola, o homem que, segundo as notícias circuladas por todo o mundo, tentou assassinar Pio XII, entregou-lhe o punhal destinado ao crime, e a Bíblia que foi o meio de ele se arrepender a tempo da sua nefanda intenção. "Com esta arma eu queria matar Vossa Santidade, e com este livro me salvei", terá ele dito, segundo as notícias comentadas pela imprensa brasileira. Não há dúvida que o Livro Bendito nos livra do ódio e do crime. Mas como se houveram as autoridades eclesiásticas com um leigo que, decerto sem licença da Igreja, leu tal livro?

"Propagandazinha... sem querer" — tal foi o comentário amarelo feito pelas "Novidades"

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

de 23 de Fevereiro à reportagem do "Diário de Lisboa", do dia 18, onde se diz que D. Maria da Conceição Costa Lemos (e não Ramos), "aos 94 anos improvisa poesias que recita sem enfado e guarda boa memória dos acontecimentos que viu em sua volta". Um senhor que assina J. M. A. parece ter conhecido um dos padres egressos da Igreja Romana que há 70 anos (não 50) fundaram a Igreja Lusitana, no propósito de restaurar nela as velhas liberdades cristãs e portuguesas. O processo da insinuação, da meia palavra, da reticência, do convite à fácil generalização, do silêncio sobre o ponto central do que se critica e o desvio da atenção para um pormenor, é bem conhecido entre nós, portugueses, desde que o Padre-mestre Simão Rodrigues de Azevedo espalhou as larvas por aí e legou os ossos a São Roque. Quanto a nós, o que sabemos dissemo-lo lealmente no "Esboço da História da Igreja Lusitana". Se há novas achegas, gostaríamos de as conhecer, certíssimos de que elas não atingirão nem num ápice a Igreja Lusitana e o seu falecido bispo-eleito, Revmo. Santos Figueiredo, principais focados na reportagem.

Anunciou o telégrafo internacional que o bispo de Roma almeja certo tipo de aproximação social com as cristandades reformadas, para melhor se enfrentar o totalitarismo ateu que se vai apossando da Ásia e do Oriente da Europa. É interessante. Claro está que, no campo eclesiástico, Pio XII, na esteira de Pio XI e Benedito XV, nada quer consentir, e é coerente com a sua infalibilidade, que o faz detentor da verdade absoluta. Deus não tolera o erro, porque tem a Verdade inteira, e quem se arroga uma qualidade divina é coerente na sua intolerância; assim os últimos papas se têm oposto a quaisquer transigências com o protestantismo ingénuo ou paciente que lhe propõe uma revisão da velha querela. Mas consideremos agora o desejo do papa que os telegramas anunciam. Será realmente possível qualquer género de aproximação? Sê-lo-ia se não fosse desde já declarado: "Em particular, o Santo Ofício não admite qualquer concessão em matéria de doutrina, e pretende que os protestantes voltem pura e simplesmente ao grémio dos cristãos

católicos" (certamente romanos). Pois foi sempre isso que o Santo Ofício pretendeu. Mudaram os processos, não mudaram os propósitos.

Um decreto inserto na folha oficial em Janeiro passado classificava como monumentos nacionais um certo número de imóveis, e a outros reconhecia interesse público. Isto nos fez pensar nas cabanas que vimos há três anos na Serra da Estrela, iguaizinhas com certeza às que habitaram os celtas há dois mil anos, e que ainda são habitadas por seres humanos. São verdadeiros monumentos nacionais, que gostaríamos de ver conservados, para estudo etnológico, dando-se aos seus habitantes actuais casas dignas do nosso século, que o Estado mandasse construir nas proximidades, e lhes desse em troca.

Deixou o ruído deste mundo para buscar a harmonia celeste o Padre Tomás Borba, sacerdote romano e músico cristão, bondoso e tolerante, tanto quanto lho permitia a sua posição eclesiástica. Da Alemanha trouxera há muito o seu grande amor ao coral sacro. Entre as suas belas composições há algumas inspiradas por letras de Raúl Gonçalves e Alfredo da Silva.

Em três diários de Luanda, de Dezembro passado, vimos narrada a magnífica conquista para a ciência médica, realizada com a cura da missionária canadiana, que conhecemos em Angola há dezasseis anos, Miss Millicent Howse, a quem a filariose cegou inteiramente dum dos olhos e quase por completo do outro. Trabalhando no Bié desde 1928, sentiu os primeiros efeitos daquela terrível enfermidade em 1940, melhorou depois um pouco, mas em 1945, com o agravamento do mal, retirou para os Estados Unidos. Aí os especialistas da clínica tropical diagnosticaram a doença e encetaram o tratamento pelo **hetrazan**, que a curou em duas semanas. Esta senhora fica na história da medicina como a "cobaia humana" dum tratamento que poderá salvar milhões de pessoas, o qual já está em uso no hospital missionário de Bonjei.

Um dito imprudente do Primeiro Ministro da República Indostânica, acerca do Estado Português da Índia, tem levantado protestos de todos os portugueses, e eloquentes comparações da paz religiosa que ali reina, com a confusão sangrenta dos povos hindus. É de facto digno de se observar como a política portuguesa, pelo instinto de conservação, levou o tradicionalismo romano a usar ali uma tolerância que não está no fundo da sua doutrina nem na sua prática histórica... Ainda bem.

Entre os protestos anti-hindus vimos uma carta do Dr. Victor Dias, no editorial do "Diário de Notícias" de 13 de Fevereiro, onde, a par de verdades expressas com energia e beleza, vem atribuída a S. Francisco Xavier esta máxima de Jesus Cristo: "Para que serve ao homem ganhar o mundo, se perde a sua alma, ganhando-o?" Está em S. Mateus 16:26. O grande missionário do Oriente, o mais que fez foi citá-la. Que pena que os nossos maiores homens tão mal conheçam o Livro Maravilhoso que é a base da religião cristã!

Atribuí-se ao avestrus a singularidade de enterrar a cabeça na areia, quando perseguido, supondo assim que não existe o perigo, por deixar de o ver. Ora hoje sabe-se que isto não é verdade. Quem faz qualquer coisa de muito parecido em face do grande perigo da existência, é o homem... Supõe-se também que o macaco, ao cair na água, põe as mãos nas orelhas e deixa-se imergir, sem a mais leve tentativa de salvar-se. Pois também isto não é verdade. Quem assim procede, no grande naufrágio da vida, é o homem...

Quando nos dizem que nos parecemos com os "católicos", devemos responder que não nos parecemos: **somos**. Se retorquirem que dão ao termo a acepção de "romanos" (às vezes o fazem, outras vezes não, conforme a conveniência do momento) deveremos então dizer que nos parecemos com todos os seres humanos, pois há sempre algum ponto de contacto entre todos, e S. Paulo bem o verificou e exprimiu no célebre discurso de

Atenas. E poderemos avançar mais, em pormenor, que nos parecemos com os católicos romanos naquilo que a sua igreja conserva dos usos primitivos e não contrários aos sagrados textos, enquanto que os ultraprotestantes se parecem com os racionalistas naquilo que aboliram de venerandas práticas, ou com os iluminados no seu individualismo místico, bastante perigoso.

Alguém, conhecedor das condições actuais do comércio dos tabacos, informa-nos que a escassês por vezes verificada afecta em geral as marcas caras de cigarros, porque são essas as que usam agora os operários. Isto leva-nos a pensar: levarão eles também para seus filhos os bons produtos alimentares, aqueles que também são caros? Lacticínios, farinhas maltosadas e vitaminas, etc.? Melhorou a mesa do operário português? Principalmente cuidam os pais das suas crianças? Que pena não haver entre nós uma Sociedade Protectora dos Direitos da Criança, como há a simpática Sociedade Protectora dos Animais!

O cristianismo está verificando que não serve de nada condenar o cinema. O que é necessário é transforma-lo, utilizá-lo, ungi-lo de graça, se for possível: Para esse efeito se fundou em França o SERCINEV, Serviço Cinematográfico de Evangelização, com um corpo de pastores e outros cristãos especializados, promotores dum congresso em Novembro passado e editores dum boletim iniciado em Janeiro. Em Portugal também a ARC está iniciando um movimento similar, devido à energia e espírito empreendedor do sr. José Miguel Balão. Como os elementos entre nós são tão poucos que por vezes a obra toma o aspecto de improvisação e não atinge o alvo último que a valoriza, pedimos a Deus que ajude e oriente sempre a ARC nos seus bons propósitos.

Diz-se que na nova Rússia aumentou imensamente a admiração por Pedro o Grande. No entanto há grande diferença entre a crise russa do século XVIII e a do século XX. Então houve um czar que se fez calafate e hoje há um serralheiro que se fez czar. Alguém achará excessivo o dizer-se que o serralheiro se fez czar; mas também

será excessivo afirmar que o antigo czar se fez calafate, pois só quiz na Holanda aprender a arte que faria maior a sua terra. Entretanto, isto nos recorda que através dos séculos os homens pretendem tornar-se deuses, ou quase; mas só no facto de Cristo vemos Deus fazer-se homem, verdadeiro Homem no sofrimento, perfeito Homem no regresso ao plano do Criador.

Os jornais evangélicos do Brasil estão reproduzindo as declarações do padre Huberto Rohden, um dos mais brilhantes escritores cristãos daquele país, que a intolerância romana atirou para uma posição um tanto individualista. São datadas de Washington, de Setembro de 1949, e encerram afirmações como estas, que nos esclarecem acerca do seu pensamento actual: "Quanto a mim, serviu toda esta campanha difamatória para me levar à convicção definitiva de que catolicismo romano não é idêntico a Catolicidade cristã. Pode o catolicismo possuir Catolicidade até certo grau, mas ele não é a Catolicidade, como não é o Cristianismo. De resto, nenhum desses ismos que vivem dentro da Catolicidade cristã pode ser identificado com a Catolicidade como tal. Todos eles são interpretações mais ou menos felizes da Catolicidade e, enquanto são sinceras, merecem o nosso acatamento".

Teve larga difusão o Boletim especial de "Metanoia" dedicado à memória do Padre Manuel Alves Correia. Muito edificante é tudo quanto aí se escreve, assinado por gente grande, das mais diversas esferas do pensamento. Vale a pena reler tudo, porque lateja em tudo a sinceridade que a memória dos grandes sinceros impõe. Se nos é dado, contudo, apontar algum trecho em especial, chamaremos a atenção para a análise claríssima que o sr. António Sérgio (e este nome dispensa por completo títulos e adjetivos) faz, da noção de Deus no conceito do preiteado. Relêdo-o.

Há sessenta anos que Heli Chatelain publicou em Genebra a "Gramática do Kimbundo ou Língua de Angola", trabalho de grande valor, ainda hoje justamente apreciado. Chatelain foi o fundador da Missão Filafricana, que ainda trabalha

CAMÕES

E

O CAVALEIRO DE OLIVEIRA

O que por aí tem ido, Santo Deus, nos arraiais literários, por causa das opiniões expendidas pelo sr. Aquilino Ribeiro acerca de Luís de Camões!

À primeira vista, quem serenamente e sem paixão se engolfar na luxuriante prosa do eminente homem de letras, um dos maiores contemporâneos, sentirá que além da arte que ele cultivava, como a abelha faz o mel e o castor faz pontes, há nele um desejo claro, um propósito evidente, qual é o de contrariar aslouvaminhas banais de dez gerações, que têm vindo prestando culto ao Épico como sacristão de aldeia acende as luzes do altar ou como o crente humilde se prostra diante do "Santíssimo": por conveniência, por necessidade, por ignorância, por imitação ou por hábito. À independência de carácter do sr. Aquilino Ribeiro desagradava um tal estado de coisas; à sua inteligência superior impôs-se uma nova catequese patriótica, de um mais sã patriotismo que o praticado nestes três séculos, geralmente (descontando os desconchavos talentosos de José Agostinho de Macedo).

Ora há quem entenda que ele carregou demais nas tintas do seu quadro; que a sua mão forte de beirão não se presta à suavidade da aguarela e nos dá uma **pochade**, admirável mas necessitada de retoques. Isto nos fez pensar agora mesmo que a serena pragmática dos ingleses nos tem dado, tanto as mais suaves aguarelas como os mais equilibrados ensaios, enquanto o homem do sul

é panfletário e colorista em maior medida. Até "pamphlet" no idioma inglês não tem a acepção do nosso...

Mas quem poderá negar o serviço prestado às letras portuguesas

pela sábia coragem do autor de "Camões, Camilo, Eça, e Alguns mais"? Tendes pensado que, quando se acenderam no Rossio de Lisboa as primeiras fogueiras da Inquisição, Camões teria quinze ou dezasseis anos? Que ele formou a sua personalidade em meio do embate com a cultura antiga, representada em Sá de Miranda, que, saído por esse tempo para uma quinta do Minho, de lá nunca mais tornou? Que o Épico foi, na sua adolescência, forçado a viver à luz das fogueiras inquisitoriais e a escutar o murmurar trémulo das mútuas denúncias ao torvo tribunal?

Não se pode estudar perfeitamente a obra do homem senão no quadro em que ele se moveu. Quando os "Lusíadas" apareceram estava o "Santo Ofício" actuando em plena virulência. A velha Igreja Portuguesa estava agonizante e a política gregoriana ia avassalando toda a grei e envenenando todo o ambiente. O que foi a censura fradesca está aí patente em numerosos documentos. Aí temos, por exemplo, "O Peregrino" de João Bunyan, torpemente mutilado na edição rolandiana, quando a censura, aliás, tinha entrado no seu declínio. Mas logo desde os dias do cardeal-inquisidor vem a proibição de entrada no país, de todo o produto do pensamento europeu, tanto dum Lutero, dum Zuinglio ou dum Calvino, como dum Marcelo de Pádua, dum Erasmo ou dum Valdez.

Mas há um aspecto na argumentação aquilineana com o qual não podemos con-

cordar. É o julgamento dos homens através duma só fase da vida deles, sem que se tenha em conta a sua evolução moral, quando sofrida em condições normais. Compreendo que o outro processo é mais picante; mas é menos verdadeiro. Julgar o Camilo caçador de dotes para o filho estroina, ou desdenhador da mulher que seduziu, e não ter em conta a tragédia dos últimos anos de cegueira e quem sabe se de remorso; julgar Eça desnacionalizado sem o ouvir nas "Últimas páginas", seria o mesmo que considerar em Camões o meio-pagão dos trinta anos e não o acompanhar até ao fim, ou, também, ver no Cavaleiro de Oliveira o vivedor sem escrúpulos que a Lisboa freirática produziu e exportou para outros meios mais cínicos e igualmente viciosos, e não saber ou não querer vê-lo demudado, vencido, arrependido e humilde, sofrendo dores físicas e confessados remorsos.

Refiro aqui o Cavaleiro de Oliveira porque este sofreu o mesmo processo crítico que Camões, da parte do nosso grande prosador sr. Aquilino Ribeiro. Bem sei que podereis vir com o velho anexim: "o diabo depois de velho meteu-se a frade". Mas não há então possibilidade de arrepiar caminho? Temos o fatalismo da condenação irremissível de quem pecou? Nem o próprio pecador deve ou pode então mudar de propósito e de vida, se não o tomam a sério? Essa maneira de julgar o pecado individual, é o grande pecado social. É a teologia novaciana, a pedagogia negatvista, ou antes, a anti-pedagogia; é o pessimismo extremo no julgamento da vida e do homem.

O sr. Aquilino Ribeiro, eu, o leitor destas linhas e todos os outros seres humanos, temos no nosso cartório muitas culpas.

É possível que nos tenhamos emendado, ou nos queiramos emendar. Pois bem: o público dá licença? A sociedade permite? Ou ela esconde hipocritamente as suas mazelas e apontará sempre com o dedo sujo as minhas manchas, as do leitor, as do sr. Aquilino Ribeiro, as do Cavaleiro e as de Camões, as de cada um, enfim, sem compreender a nobreza duma atitude nova, a grandeza que há num esforço de aperfeiçoamento?

Propositadamente fui abstraíndo até aqui do ideal redentor de Cristo, sem o qual, nós, netos de piratas crueis e de brutos "homees de criação", seríamos hoje ainda tão brutos e tão crueis como eles. É à luz do Evangelho de Jesus Cristo que eu quero avaliar a humanidade, na tragédia imensa do pecado, do remorso, da ansia do bem, da saudade de Deus.

FLORILÉGIO DA ORAÇÃO

Colectas especiais do 4.º Centenário do
— 1.º "Livro de Oração Comum": —

Ó Deus Onnipotente, que edificaste a Tua Igreja sobre o fundamento dos Apóstolos e Profetas, sendo Jesus Cristo a sua pedra angular: concede que de tal modo estejamos ligados na unidade do espírito, pela doutrina que eles ensinaram, que possamos ser feitos um templo santo aceitável a Ti; por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, sempre um só Deus, pelos séculos dos séculos. Amen.

Deus Onnipotente, ante Quem todos os corações estão abertos, para Quem todos os desejos são conhecidos, e de Quem não há segredos ocultos: purifica os pensamentos dos nossos corações pela inspiração do Teu Santo Espírito, para que Te possamos servir com perfeição, e magnificar dignamente o Teu Santo Nome; por Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amen.

< : >

Ó meu Salvador, eu Te compreendo: queres criar a Tua Igreja bela, e começas por cria-la perfeitamente una. Que é, com efeito, a beleza, senão uma relação, uma conveniência e, em suma, uma espécie de unidade? Nada mais belo do que essa Natureza Divina, onde o número, que só subsiste nas relações mútuas de Três Pessoas Iguais, termina na perfeita Unidade.

Jaques Benigno Bossuet,
bispo de Meaux

< : >

Ó Senhor: repara o mal que eu tenha podido cometer com palavras vãs, inconsideradas ou malévolas. Purifica o meu coração de todo o azedume, enche-o de sabedoria do Alto e vigia a porta dos meus lábios.

Pedro de Benoit,
médico-missionário, director do Instituto de Emmaus

AS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE

2 de Abril: Domingo de Ramos (S. Mateus 21:1 a 11).
 6 de Abril: Quinta-feira santa (S. Lucas 22:1 a 71).
 7 de Abril: Paixão de Nosso Senhor (S. João 19:1 a 37).
 9 de Abril: Domingo de Páscoa (S. João 20:1 a 10).
 25 de Abril: S. Marcos Evangelista (Actos 12:12 e 25).
 1 de Maio: S. Filipe e Santiago Ap. (S. João 14:1 a 14).
 14 de Maio: Domingo das Rogações (S. João 16:23 a 33).

18 de Maio: Ascensão de Nosso Senhor (Actos 1:1 a 12).
 28 de Maio: Pentecostes (Actos 2:1 a 11).
 11 de Junho: S. Barnabé (Actos 11:22 a 30).
 12 de Junho: SSma. Trindade (S. João 3:1 a 15).
 24 de Junho: Nascimento de S. João Baptista (S. Lucas 1:57 a 80).
 29 de Junho: S. Pedro (S. Mateus 16:13 a 19).

NO ÁTRIO

23 de Abril, dia de S. Jorge, é o Dia Universal dos Escoteiros.

O 1.º de Maio é a festa internacional do Trabalho.

14 de Maio é o dia das Mães, festejado em vários países, e pelas Escolas Dominicais em Portugal.

Em Portugal festeja-se em 3 de Maio o descobrimento do Brasil e em 10 de Junho o Dia de Camões.

Errata: Por equívoco, aqui se disse no número passado que o Dia Universal de Oração da Mulher Cristã era o 14 de Fevereiro, quando verdadeiramente foi o dia 24 do referido mês. Foi comemorado em Lisboa por um grupo de senhoras que, pela primeira vez, convidaram o elemento masculino evangélico.

NA NAVE
LÍNGUAS DE FOGO

"Foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo..."
 Actos 2:3

DESDE aquele maravilhoso dia de Pentecostes, um dos símbolos da acção do Espírito Santo tem sido aquelas "línguas como que de fogo", librando-se no ambiente do cenáculo de Jerusalém, sobranceiras às frentes dos Apóstolos e dos seus santos companheiros.

Lá está Maria, mulher escolhida entre as mulheres, a Bem-aventurada na voz das gerações, excelsa poetiza da Fé, educadora primorosa da primeira infância de "Menino que nos nasceu, do Filho que se nos deu" (Isaias 9:6), observadora atenta do despertar do Cristo adolescente (S. Lucas 2:51), modelo de firmeza de testemunho no dia horrível da crucificação (S. João 19:25).

Lá estão os pescadores humildes: Simão Barjona, o impulsivo "Cefas", que dos seus erros de início, tanto como da prudência revelada nas cartas que a sua velhice experimentada nos deixou, tantas lições colhemos; seu irmão André, o condutor operoso que leva Filipe ao mestre, para o futuro apostolado, assim como o rapazinho que

traz cinco pães e dois peixes e se torna fermento da saciação de milhares de famintos, e os gregos que, próximo do fim, querem ver Aquele que supera todos os mestres da Hélada, no caminho do coração dos homens.

Lá estão os filhos de Zebedeu, Jacob (entre nós chamado Tiago) e João, galileus irascíveis, antigos leões tornados cordeiros pelo contacto com o "Cordeiro de Deus".

Lá está o zelota, Simão Cananeu, "nacionalista" exaltado (como hoje se diria, que está recebendo naquele dia espantoso a visão duma nova e gloriosa Pátria, e se torna por isso um "concidadão dos santos e familiar de Deus" (Efésios 2:19).

Lá estão Mateus, antigo "colaboracionista", o cúmplice interessado dos romanos intrusos, agora consagrado a uma sublime e honrosa missão; como Tiago o "Menor", Bartolomeu, Matias e José Barsabás, o "Justo".

Lá estão, talvez, José de Arimatea, a mãe de João Marcos, e a sogra de Pedro, que, curada da febre que a prostrara certa vez, se pusera logo a servir Jesus e seus companheiros (S. Lucas 4:39); talvez também Maria Madalena; Joana, a mulher de Cusa, o côlago de Herodes; e Susana, assim como outras mulheres de qualidade que haviam assistido ao Mestre e aos Apóstolos nas despesas da missão de início (S. Lucas 8:2 e 3); talvez Maria e Marta de Betânia, tão estimadas do Senhor, assim como seu irmão Lázaro, o ressurecto (S. João 11:5); e Maria mãe de Tiago e Maria Salomé, as que se afanaram em embalsamar o corpo que supunham jacente no sepulcro (S. Marcos 16:1).

Lá estão Filipe e Tomé, os "reticentes" os que põem embargos ao testemunho alheio, e todavia vêm a ser no futuro, para nós todos, fachos de testemunho...

* * *

E as línguas de fogo pousaram sobre **cada um** deles, porque eles **todos** estavam concordemente reunidos.

E ainda hoje as mesmas maravilhas veríamos se, por nossas divisões e contendas, não "apagássemos o Espírito" (1.ª aos Tessalon. 5:19)...

BONS SINTOMAS

Transcrevemos de "The Commonweal", de 30-XI-49.

NÓS sabemos que a oração é um alimento espiritual: é a maneira de manter em nós a Vida Divina, que é espírito — pensamento e emoção — a qual é sustida e mantida em existência e crescimento contínuos, pelo pensar e pelo amar.

As palavras que proferimos em conjunto, as palavras que dizemos na Igreja ou em família, não serão as palavras da Igreja, não serão palavras vivas, se não forem pensadas, se não forem sentidas. Tão-pouco Deus as ouvirá, porque Deus só ouve aquelas palavras que nos ensinam a conhece-Lo e a amá-Lo melhor. (Ele não necessita de que O elucidemos; as nossas necessidades não são para Ele novidade nenhuma).

É por esse motivo que todos devíamos ter e ler o Missal. E é bom para nós que aqueles que conhecem o Missal e o usam constantemente venham expor-nos as riquezas que ele contém: ou seja, como todos os graus do crescimento espiritual, a meninice da vida de purificação, a virilidade da vida de revelação, a maturidade da vida de identificação, correspondem a graus do ano litúrgico...

O autor mostra-nos como o começo do Ano Religioso, nas missas do Advento, é a aurora da nossa vida cristã, como as missas do Natal e da Epifania estão impregnadas do nascimento de Cristo, e do renascimento cristão pela Graça; como a Quaresma e a Semana Santa nos mostram duma maneira prática, que sem penitência e mortificação dos nossos instintos egoístas não podemos continuar na posição de redimidos, porque não podemos viver em amor, em solidariedade fraternal; como a Páscoa é vida redimida em Cristo e segura da eternidade com Cristo; como o Pentecostes é a união definitiva com Deus, no abraço de todos os filhos de Deus, no Espírito de Deus.

O ano litúrgico é um curso magnífico, e completo também — e é uma pena que não possa ser um curso vivo — de vida espiritual, daquela vida que deveria ser vivida por cada cristão. Mas além deste "syllabus" completo, distribuído por todo o ano e conhecido por "Missa dos catecúmenos" (ou missa do catecismo) há em cada missa diária, bem entendida, uma lição curta, incisiva, de como a alma conquista Deus: purificação por uma sincera confissão do pecado, cordial oblação de tudo, até da nossa vida, a Deus, e consumação desta oferenda no acto de participar na vida imolada do Homem-Deus: "Isto é o Meu Corpo... Isto é o Meu Sangue, derramado por muitos... Fazei isto em memória de Mim".

Eis um resumo das belas coisas que o autor nos revela no Missal... Realmente ninguém deveria ter obrigação de nos mostrar estas coisas. O Missal não deveria ficar simplesmente nas mãos do celebrante, nós deveríamos lê-lo com o celebrante: visto ser nossa a missa que ele celebra. Um sacerdote no Novo Testamento — na religião ou culto em espírito e verdade — não é alguém que fala a Deus em nosso lugar, mas sim um irmão que nos conduz a falar com Deus juntamente com ele. (O sublinhado é da tradução).

Ouvimos algumas vezes apóstolos da Oração Litúrgica chamarem a nossa atenção para o facto de que na Igreja primitiva não havia classes de Catecismo porque os fieis aprendiam tudo na escola activa da Liturgia, do culto, especialmente durante as missas de Domingo, com as suas colectas, hinos, profissões de fé, epístolas e evangelhos. É verdade; esses, porém, eram tempos em que mesmo os analfabetos podiam seguir as palavras do Missal, porque eram pronunciadas numa língua viva. A maioria dos homens e mulheres dos nossos dias não

podem ouvir a voz da sua Mãe, a Igreja. Esta dificuldade deve ser resolvida. O começo da sua solução é o uso do Missal pelos fieis que podem ler com inteligência. Para os menos felizes haverá, mais cedo ou mais tarde, maneira de resolver o seu problema.

Têm sido tantos os livros, artigos e até mesmo documentos pastorais a insistirem... sobre a maravilhosa reserva de alimento espiritual contida na liturgia, que seria agora criminoso permitir que tal tesouro continuasse fechado... Certamente que não será agora uma solução prática ensinar latim ao povo!

Pio XII, no seu último apelo litúrgico, queixava-se de adaptações feitas por algumas pessoas zelosas, sem licença das autoridades competentes. Não foi isso porventura um convite indirecto a que se peça uma evolução dirigida e harmónica, sob a orientação da Igreja nossa Mãe?

Padre J. Alves Correia, (Crítica ao livro "The Riches of the Missal", por João Vagaggini O. S. B.

Estamos quase certos de que não aparecerá na imprensa romana em Portugal o excelente artigo crítico que consoladamente oferecemos aos nossos leitores. Evidentemente, o que aí se lê é escrito por um ministro do culto latino e para os crentes da sua Igreja, não reformada. Mas substituíamos a palavra "missal" por "livro de oração comum", que lhe corresponde (a nomenclatura pouco importa, comparada com a essência das coisas), imaginemos um **missal reformado**, ou uma liturgia desenvolvida dentro do espírito de regresso à Igreja Primitiva, e compreenderemos bem o que no pensamento do Padre Alves Correia há de útil e precioso para todos nós; assim como neste comentário a um congresso litúrgico, que viera noutra número do mesmo periódico, "The Commonweal", de 14-X-49:

Os cinco mil, homens, mulheres e crianças, leigos, clérigos e religiosos, que cantaram o "ordinário" da Missa do arcebispo Ritter, em S. Luis, durante a "Semana Litúrgica", provaram várias coisas: Provaram que o povo pode cantar em conjunto; provaram que o pode fazer, e provaram que o deseja fazer, desde que o tenha experimentado. Custa a crer que qualquer movimento possa ter em dez anos o progresso que teve o "movimento litúrgico". Afirmo com pleno conhecimento dos factos que 95 % das nossas paróquias e cerca de 80 % dos nossos conventos não foram afectados por ele em nada. Apenas um reduzido número de dioceses cumpriram as ordens do Papa, formando uma comissão litúrgica, não para servir de grilhão ou de freio, mas sim de propulsor.

O movimento litúrgico tem sido servido por uma má imprensa; basta olhar para os títulos da maioria dos jornais, multiplicando avisos contra possíveis excessos e desprezando quase por completo as directivas que, de forma positiva, haviam sido dadas. É verdade que os missais têm tido uma boa procura e, duma maneira geral, há razão para crer que estão a ser usados, pelo menos nos lugares onde os fieis são capazes de ler com a mesma rapidez que o celebrante, sem caírem num mero formalismo. Mas será isso "liturgia"? Não o creio. A "Semana" de S. Luis mostrou o que a liturgia de facto é: ouvir a Palavra de Deus, cantar os seus louvores, participar da vida divina através dos mistérios de Cristo, e fazer tudo isto como seu povo redimido, como membros dum mesmo Corpo. Naquela ocasião, pela primeira vez, todos cantaram, na sua língua materna, as "horas" do Breviário próprias do dia, os Salmos, os hinos e as orações; só isto bastaria para valorizar uma semana litúrgica... Tivemos, porém, além disso o jesuíta inglês P. C. Howell, que foi claro,

(Conclui na pág. 14)

ALELUIA

allegro

A - le - luia, A - le - luia, Ale - lui - a, A - le -

- luia, Ale - luia, A - le - lu - ia. Com magestade e gloria Resus - ci -

- tou! Resus - ci - tou! Je - sus, O Rei da glória, Je - sus, O Rei da glória, já trium -

- fou! Já trium fou! Já tri - un - fou! Anjos e homens, prorrompei em cantos de
An - jos e ho - mens

glória a Cristo o Salvador; Ren - dei lou - vor e honra e glória a
louvem

Cristo o Sal - va - dor, Ren - dei louvor honra e gloria honra e gló - ria.

Música: DR. LEOPOLDO FIGUEIREDO

Letra: REV. A. PINTO RIBEIRO

A - le-lui-a, Ale-luia, Ale-luia, Ale-luia, Ale-luia,

Lento
A-le-lu-i-a. Deus Oremuci-tou, Soltou as

Vivo
dôr's da morte, Pois não era pos-sível qu'él fôse retido por ela. A-le-

-luia, A-le-luia, A-le-lui-a, A-le-lui-a Pois não era possível qu'Él'

ret.
fôs-se re-ti-do por e-la. A-le-lui-a, A-le-lui-a, A-le-

ret.
-lui-a, A-le-lui-a, A-le-lui - - a!

LUSOGRAMAS

— Se os “verbos da guerra” são **mentir e matar**, as armas da paz forjam-se na **verdade** e na **vida**, virtudes com que é necessário defender a mente e o coração.

— Mais idolatra que aquele que se prostra diante de imagens materiais, é quem supõe criar para seu uso um deus invisível feito à imagem das suas próprias paixões.

— O tempo trabalha a favor... de quem? Do Eterno; só do Eterno. O tempo serve a eternidade, e só Deus terá a última palavra nesta confusão cruel e mentirosa do mundo em que vivemos!

— No intervalo das duas grandes guerras a humanidade cresceu em mais de 500 milhões. E a Igreja, quanto cresceu ela? Terá cumprido o seu dever? Confessemos as nossas fraquezas.

— O vampiro inglês sonhava com Cristo ensanguentado... Estranho caso! Mas não é a fé que provoca a loucura; a loucura é que tem exposto a fé ao vitupério de pseudocríticos.

— Entre Igreja sem Bíblia e Bíblia sem Igreja, não escolhemos: queremos Igreja com Bíblia, porque a verdadeira Igreja não passa sem ela, e a Bíblia ante a alma cria a Igreja.

— O bom artista tem o seu barbeiro para lhe cortar o cabelo e talvez o seu crítico para lhe catar os deslises. Neste sentido o crítico tem função necessária, mas inferior. Outra há, que é construtiva.

— Uma outra versão da célebre máxima de Santo Agostinho, é esta: “No necessário — a unidade; no secundário — a liberdade; em tudo — a caridade. Temos motivos seguros para preferir esta versão.

— Disse o presidente do conselho de ministros francês: “Não há homens indispensáveis, só a continuidade é indispensável”. Que grande verdade esta, na Igreja de Cristo, amigos!

— O desporto é excelente quando um povo leal o usa, para o exercício da lealdade; mas é má coisa para um povo deseducado, que o torna meio de se incitar à brutalidade e à deslealdade.

— Fragmento dum diálogo: “Eu comparo o modernismo aos jesuitas e o fundamentalismo aos dominicanos”. “Então, por quem te decides?” “Fico na Igreja”. “A terceira força?”. “Não: A única força”.

— Camilo estudava a maldade humana no seu próprio coração. E a bondade? A bondade também, porque não? Não foi ele um juguete das paixões? Não foi em grande o que nós somos em miniatura?

— Os primeiros africanos chegados a Lisboa foram trazidos por Antão Gonçalves, criado do Infante, em 1442. A Igreja desde então esforçou-se por baptiza-los, mas a sociedade cristã pouco mais fez.

— Ao mesmo tempo que pretende assimilar os reformados, a quem repugnam as inovações doutrinárias, o romanismo vai “definir” em novo dogma a velha lenda da Assunção de Maria. Estranha coisa!

— Bem pouco conhecidos são os mártires anglicanos, que morreram pela fé reformada. Ei-los: Roberto Barnes, Tomás Bilney, João Clark, João Frith, João Lambert, Hugo Latimer, Nicolau Ridley, Guilherme Tyndale.

— Há indivíduos que creem profundamente na fé... na fé dos outros, como força a aproveitar, como os engenheiros aproveitam o fogo e a água, a electricidade e o magnetismo. Deus nos livre dos “engenheiros da fé”!

— Uma vez que existem pessoas que se não dão bem com a linguagem usada em muitas barbarias, talvez fosse de aconselhar que, por baixo de cada taboleta profissional se dissesse: “língua suja”, ou “língua limpa”.

— O **record** da caça às rolas por um só caçador está em 283. Num argumento socrático **à fortiore**, chega-se à conclusão que o ideal seria num só dia acabar com as rolas... Abusa-se dos **records**, não acham?

(Conclusão da pág. 11)

enérgico, espirituoso e arrebatador; que nos ensinou a cantar hinos cuidadosamente escolhidos... Tudo contribuiu para aumentar o poder da Igreja como organismo sacramental.

P. H. A. Reinholds

Acompanhemos o progresso de algumas almas despertas, dentro da Igreja de Roma, e continuemos orando por ela e por elas.

O LIVRO E OS LIVROS



O "INDEX"

Durante séculos tem-se publicado um "Índice de Livros Proibidos", o qual teve por muito tempo o fim principal de impedir os cristãos católicos de tomarem conhecimento de argumentos heréticos ou supostamente heréticos, dando à Igreja dominante a tarefa por demais árdua de os combater e negar sem a livre crítica individual. Também se incluíram, e se incluem ainda hoje, cada vez em maior número, os livros cuja moral se apresenta duvidosa ou francamente condenável. Ora, caros leitores, que um tal índice pode ter utilidade, ninguém o contesta por completo. Se um amigo me disser que tais ou tais livros são nocivos ou mesmo inúteis, presta-me um bom serviço, porque me poupa o trabalho de eu mesmo os examinar, havendo tanto de positivamente bom para ler, e me poupa o dispendio em os adquirir, quando há tanto de bom em que empregar os nossos meios, e tanta gente a quem podemos ajudar. Mas esse método nada tem de absoluto, é mesmo bastante precário, pois temos de contar com os gostos pessoais e com a visão parcial dos seres humanos, até dos que cultivam a sinceridade. Quem se pode afirmar perfeitamente isento duma influência sectária, duma formação imperfeita, dum conhecimento relativo das coisas?

Estas considerações levaram-me um dia a imaginar um índice que, não tendo a feição negativa, da **proibição**, tantas vezes contraproducente, tivesse, ao contrário, a feição positiva do **conselho**; que, não se contentando com a regra farisaica do "não toques, não proves, não manuseies", os tabus das religiões deformadas, nos desse, na matéria referida, a chave da Epístola aos Hebreus — o "melhor" — que vence até o "bom", quanto mais o "mau". Diz-se que seriam necessários o melhor de tresentos anos para qualquer pessoa ler todos os clássicos que chegaram com prestígio aos nossos dias. Ora como eu não espero viver tanto tempo, sou levado a inquirir: quais são os melhores? E como necessito de ler os modernos, para acompanhar o pensamento actual, ainda todo o meu tempo de leitura não poderá ser só para os velhos clássicos. E como necessito de recrear-me, instruir-me, educar-me, formar o carácter,

alimentar o espírito, terei de seleccionar a leitura, classificando-a. Trabalho ingente, que não posso fazer sozinho. Quem, pois, me aconselha?

Surge então o conselheiro que, eliminando as leituras sujas, as subversivas, as incorrectas, me vai apontando aquelas que, em grau diferente e por motivos diversos, me podem interessar.

Que vos parece um tal índice? Evidentemente que só muitas pessoas e com lentidão poderiam fornecer as indicações que para isso se necessitariam. Mas diz o "Bom homem Ricardo", de Benjamim Franklin, que "trabalho começado está quase acabado". O que nunca se inicia é que nunca progredirá nada. É certo que, com o tempo, e sem intenção dirigida, se faz também a selecção, devido à procura do que é bom, em resultado das vozes do povo, mas também do esforço editorial não mercenário (este é o caso da difusão do "Peregrino" de João Bunyan, pelo mundo e também da "Imitação de Cristo", de editoriais romanas e até de reformadas). Mas a regra tem muitíssimas excepções, e há literatura má que se difundiu imensamente por apelar para as paixões e os sentimentos mais baixos do homem.

Quando, numa roda de gente limpa, se fala de novelas para rapazes, é fácil que alguém lembre o "Coração", de Amicis, que tem humedecido milhares de olhos em duas gerações, ou "Os Naufragos das Ilhas Auckland", de Raynal, narrativa autêntica, onde a presença de Deus na aflição ocupa um lugar equilibradíssimo, junto às aventuras mais emocionantes; se se fala em poesia bucólica, alguém nomeará os "Simples" de Junqueiro ou o "Paulo e Virgínia" de Saint Pierre, que também é poesia; se na anedota risinha se fala, outros citarão Mark Twain, traduzido e apreciado por toda a parte; e haverá quem, no género popular antigo, dê como modelo de prosa vernácula e comovente os folhetos que narravam naufrágios dos portugueses de outrora e foram reunidos na "História Trágica-Marítima"... Saltar-se-á dos originais para as versões, da prosa para o verso, do sério para o jocoso, com a facilidade das conversas desprezenciosas, mas irracionalmente nos circunstantes um desejo de ler este ou aquele livro, o qual desejo se avolumará conforme a tendência pessoal de cada um. Mas isto não resolve o problema em larga escala, e o "Índice Aconselhador" continua a ser uma necessidade, não vos parece?

A "Scripture Gift Mission", como quem diz, a Sociedade para a Oferta das Escrituras Sagradas, mandou imprimir ultimamente em Berna um Novo Testamento em português, que é um mimo gráfico, tanto na impressão como na encadernação e na qualidade do papel. Veio-nos à mão um exemplar por favor de um amigo (porque não há o hábito de fazer ofertas à imprensa) e tivemos assim oportunidade de examinar a boa revisão literária (mais uma revisão de Almeida) e a cuidadosa revisão tipográfica. Infelizmente as revisões tipográficas da Sociedade Bíblica Britânica têm deixado muito a desejar, nos últimos anos, assim como as cartonagens, sobre serem mais que modestas, não estão a par da revolução que o gosto estético tem sofrido. Não representam estas palavras ingratidão para com a benemérita sociedade, mas o desejo de ver melhor exercida a sua obra excelente.

Tem afluido à nossa modesta redacção boas páginas impressas, principalmente por favor de amigos, os próprios autores, camaradas nas letras, e também algumas revistas que nos merecerão especial referência.

Do nosso excelente camarada e ilustre professor Cardoso Júnior, um dos cultores mais escrupulosos e sabedores da nossa língua, temos sobre a banca de trabalho "As aventuras de D. Quixote", número 13 da colecção "Contos para Crianças", da casa editora Lello, L.^{da}. É modelo no género, este livrinho ilustrado e jeitoso, onde a verve de Cervantes é transportada para linguagem acessível aos pequenos leitores, sem perder o seu sabor. O professor Cardoso Júnior é o autor consciencioso duma "História da Educação nas suas relações com a moderna pedagogia", trabalho que representa muito estudo e experiência; e também de gramáticas da língua, uma das quais recente e extremamente prática; tratados e compêndios de redacção, de história, de moral e de pedagogia. O seu estudo da personalidade de Pestalozzi, separata do "Boletim Escolar", é ao mesmo tempo um retrato moral do seu conspícuo autor.

Júlio de Lemos, o ilustre fundador e secretário perpétuo do Instituto Histórico do Minho, que tão bons serviços prestou à cultura portuguesa, em especial no Noroeste Português, publicou o «Elogio do Contista Trindade Coelho» a que já nos

referimos quando da Conferência que nesta separata da revista "Ocidente" se reproduz. À obra do autor das "Campesinas", tão vasta e variada, vieram juntar-se ultimamente as biografias de Lima Bezerra e Miguel Dantas, onde o erudito metódico dá a mão ao vernaculista elegante e sóbrio que é Júlio de Lemos. Bem haja.



FORUM

*Noticias Officiais do
Colendo Sinodo Geral*

- 1.º — Devidamente autorizadas pela Presidência do Sinodo e como antecipadamente foram anunciadas em todas as Congregações da Igreja Lusitana, realizaram-se de 4 a 6 de Janeiro p. p., em V. N. de Gaia, as Conferências de Estudos em prol desta Igreja, as quais decorreram com elevação espiritual e muito interesse, e com o maior desejo de promover mais e melhor actividade futura no Serviço ao Senhor, através da Igreja Lusitana. Digna é de reconhecimento e louvor a Comissão promotora destas Conferências, pelos inteligentes e apreciáveis trabalhos apresentados e discutidos, assim como pelo bem elaborado programa das mesmas, cuidadosa e pontualmente cumprido. Todos esses trabalhos vão ser presentes á próxima Reunião do Sinodo Geral.
- 2.º — Na reunião da Comissão Permanente do Sinodo, em 28 de Janeiro do corrente ano, foi deliberado:
 - a) Manifestar a sua discordância quanto à forma como o Rev. António Pinto Ribeiro Júnior foi convidado a servir na Missão em Angola, da Igreja Unida do Canadá;
 - b) Sentir com a maior mágoa a ausência do Rev. A. Pinto Ribeiro Jr. e confiar no seu futuro regresso ao trabalho da Igreja onde sempre esteve e bem serviu, e na qual se mantém;
 - c) Nomear Ministro efectivo da Congregação de S. Paulo, em Lisboa, o Rev. Eduardo H. Moreira;
 - d) Reconhecer a impossibilidade, no actual momento, de nomear Ministros Coadjuutores para as Congregações que os solicitaram e deles precisam;
 - e) Tomar conhecimento da realização das Conferências de Estudos em prol da Igreja Lusitana e de que as conclusões destas Conferências serão apresentadas na próxima Reunião Sinodal;
 - f) Promover que, quando qualquer membro da Igreja Lusitana transfira a sua residência para local muito distante da Congregação a que pertencia, isso seja comunicado à Presidência do Sinodo, a fim da mesma informar o Ministro mais próximo da nova residência desse irmão, para que lhe não falte a assistência pastoral que necessita;
 - g) Recomendar às Juntas Paroquiais a participação, não só dos Irmãos pobres locais, mas, também, dos Fundos de Beneficência respectivos, nas colectas levantadas nas festas anuais das Colheitas, onde as mesmas se realizem;
 - h) Aprovar a abertura de um curso de Preparação de Evangelistas, em Lisboa, regido pelo Rev. Eduardo Moreira.
- 3.º — Com muita tristeza soubemos do falecimento em Inglaterra, a 19 de Fevereiro findo, do venerando amigo Rev. Dr. G. Freeman Irwin. Durante mais de 40 anos fez parte do Comité da Sociedade Auxiliadora da Igreja Lusitana, pela qual muito consagradamente se interessava e tinha a maior simpatia. Nele perdemos um grande e valioso Amigo. Era um grande valor na Igreja Anglicana e merecia tanta consideração dentro dela que os serviços religiosos do seu funeral foram assistidos por três Bispos da referida Igreja. A sua Família, ao Comité da Sociedade Auxiliadora e aos seus paroquianos, que muito o amavam, apresentamos os mais sentidos pesames.

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

CONGREGAÇÕES E MISSÕES

- LISBOA** Igreja de S. Pedro—Largo das Taipas
Igreja de S. Paulo—"Marianos"—Rua das Janelas Verdes
Igreja de Jesus—R. Quatro de Infantaria, 70-1.º—(Sede provisória)
- P O R T O** Igreja do Redentor—R. do Visconde de Bóbeda e R. do Barão de S. Cosme, 223
- VILA NOVA DE GAIA** Igreja de S. João Evangelista—Torre
Igreja do Salvador do Mundo—Arco do Prado—Devezas
Igreja do Bom Pastor—R. do Rei Ramiro—Candal
Igreja de Cristo—Outeiro—Oliveira do Douro
- SETUBAL** Igreja do Espírito Santo—Bairro Salgado
- ALCACER DO SAL** Igreja de Cristo Remidor
- E V O R A** Missão dos Martires da Fé—Beco do Chantre
- CAMPANHÃ (Porto)** Missão de Santo Estêvão—R. do Azevedo
- VALBOM (Gondomar)** Missão de Santiago Apóstolo—Largo da Arroiteia
- A M O R A (Seixal)** Missão de Santo André—Avenida Marginal Silva Gomes, 16

Ecclesia

Encontra-se à venda na:

Livraria Aillaud & Lellos

Rua do Carmo, 82

LISBOA



Tabacaria Aliança

Rua de Santo António, 19

P O R T O

SÍNODO DIOCESANO DA IGREJA

Presidente:

Rev. António Ferreira Fiandor

Residência: Torre—Vila Nova de Gaia

Secretário:

Rev. Agostinho Ferreira Arbiol

Membros:

Rev. Josué Ferreira de Sousa

Rev. José Pereira Martins

Rev. Armando Pereira de Araújo

Rev. José Maria Leite Bonaparte

Rev. Augusto Nogueira

(Um representante secular de cada uma das Congregações a cargo dos Presbíteros do Sínodo).

Ecclesia

	Assinatura	Venda avulso
Império Português	20\$00	6\$00
Países Estrangeiros	26\$00	7\$50



Assinatura anual—4 números— a tratar com a Administração ou com qualquer dos ministros da Igreja Lusitana.